

# A prosa do sempre político Sarney

**L**ITERATURA e política andaram sempre de mãos dadas na vida do Presidente José Sarney. E não só por conta de sua tão citada poesia.

**Norte das águas**, elogiado livro de contos, foi publicado pela Editora Martins, de São Paulo, quando ele era Governador do Maranhão. A Presidência, agora, torna a chancelar o contista. Chegou esta semana, às livrarias, **Brejal dos guajas e outras histórias**. Uma surpresa programada pela Alhambra, do Rio, para correr as ruas junto com a campanha presidencial, em novembro do ano passado.

Em 4 mil exemplares, capa sóbria e elegante, um pouco da prosa de um regionalista que investe na poesia popular, nos ditos espirituosos e nos tortuosos caminhos da política interiorana... "É da política que ele extrai a matéria-prima de sua literatura, em que se fundem harmoniosamente o documental e o reivindicatório" — enfatiza o também maranhense Lago Burnett, autor do prefácio e um dos publicados da Alhambra, editora pequena, empenhada em escavar preciosidades (no seu catálogo constam, por exemplo, Lazarillo de Thormes e *A morte de Ivan Ilitch*, de Tolstoi).

Diz mais, Lago Burnett. Que José Sarney é fabulista, "fiando e cardando com os elementos da sua contextura novelística". Essa faceta está presente, principalmente, nas duas histórias pequenas que encerram o livro: *O camarista Bertoldo* e o lírico *O cavalo Graúna*, com implicações fantásticas, sobrenaturais. *Brejal dos guajas* era um dos contos que integravam o *Norte das águas*, o livro anterior, reeditado duas vezes. E o próprio autor optou por dar-lhe o destaque.

O tema, o escritor José Sarney conhece de sobra. Uma cidade dividida por facções políticas dentro de um mesmo partido. Uma, comandada pelo coronel Francelino Procópio dos Santos, Javali de apelido. Outra pelo primo deste, o



coronel Manuel Guimarães, conhecido por Né Guiné. Nesse cenário, o autor mostra seus dons de observador e compilador, juntando casos e frases saborosas num tecido ficcional. O resultado é desigual. Mas tem sentenças que são verdadeiros achados, algumas das quais Lago Burnett tem o cuidado de pinçar e colocar em seu prefácio. Como a frase do pároco João, espécie de mediador do vilarejo: "Nossa corruptela é pequena, mas civilizada." Ou como a apreciação que Javali faz de Né Guiné: "Aquiló é como estopa: não tem avesso nem direito..."

Em *O camarista Bertoldo*, o autor solta mais o humor peculiar e a queda para a poesia. E alerta quem procura o livro, à cata de um perfil do Presidente, entrelinhas: "Sou um homem independente. Votarei pela minha consciência" — garante Bertoldo. E mais no final: "Bertoldo estava solene, mais do que nunca agradecia a graça de haver de votar pela primeira vez, na volúpia daquele domingo domingo, de vento aberto e mexericos. A idéia fora sua e só sua. Para que ela chegassem ali no plenário fora preciso a terrível manobra das fórmulas e dos acertados."

Em *O cavalo Graúna*, uma espécie de Pégaso, o autor assina embaixo da imaginação popular. É só acreditar. Em se acreditando, tudo dá.